



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**CENTRO DE ARTES**  
**COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA**

**MARIANA POUHEY DA CUNHA**

**O SUICÍDIO DE HANNAH BAKER COMO ROMANTIZAÇÃO: UMA  
ANÁLISE DE *THIRTEEN REASONS WHY***

Pelotas/RS

2018

MARIANA POUHEY DA CUNHA

**O SUICÍDIO DE HANNAH BAKER COMO ROMANTIZAÇÃO: UMA  
ANÁLISE DE *THIRTEEN REASONS WHY***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Bacharel em Cinema e Audiovisual no  
Centro de Artes da Universidade Federal de  
Pelotas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Penkala

Pelotas

2018

Mariana Pouey da Cunha

**O SUICÍDIO DE HANNAH BAKER COMO ROMANTIZAÇÃO: UMA  
ANÁLISE DE *THIRTEEN REASONS WHY***

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 14 de dezembro. 2018

Banca examinadora:

---

Ana Paula Penkala

---

Ricardo Silva

---

Guilherme da Rosa

**Resumo:**

A série da netflix "Thirteen Reasons Why" (2017) traz a tona a temática de suicídio entre os adolescentes. Diversos profissionais da área de saúde mental manifestaram preocupações quanto a representação que o suicídio tem no produto audiovisual. A premissa da qual se parte é a de que a série trata o suicídio de Hannah como se fosse algo inevitável, o que constitui-se em uma das formas de abordagens equivocadas sobre o suicídio, a partir de um olhar sobre a saúde mental. O presente trabalho tem como objetivo pensar e compreender de que maneira a representação audiovisual da série pode influenciar o tecido social tratando como questão problema De que maneira a série constrói a ideia de que o suicídio de Hannah Baker é algo inevitável? Ao longo do trabalho também busca-se Compreender os sentidos atribuídos ao suicídio na cultura ocidental e analisar elementos da narrativa relacionados às maneiras como a cultura ocidental representa o suicídio.

**Palavras-Chave:** Suicídio; Cinema; Saúde Mental

**Abstract:** The netflix series "Thirteen Reasons Why" (2017) brings up the subject of suicide among teenagers. Several professionals in the area of mental health have expressed concerns about the representation that suicide has in the audiovisual product. The premise is that the series treats Hannah's suicide as if it were something inevitable, which is one of the forms of misconceptions about suicide, from a look at mental health. The present work aims to think and understand how the audiovisual representation of the series can influence the society. In what way does the series build the idea that Hannah Baker's suicide is something inevitable? Throughout this work also seeks to understand the meanings attributed to the suicide in the western culture and to analyze elements of the narrative related to the ways in which the western culture represents the suicide.

**Keywords:** Suicide; Cinema; Mental health.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>1 Suicídio .....</b>	<b>7</b>
<b>2 Representação do Suicídio na Mídia e nas Artes.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Romantismo.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 O Suicídio na Literatura.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 O Suicídio nos Filmes.....</b>	<b>16</b>
<b>3 Análise.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Dramatização e Romantização .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Supercialização .....</b>	<b>21</b>
<b>4 Conclusões Finais.....</b>	<b>24</b>
<b>Referências .....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

A série *Thirteen Reasons Why*, da Netflix, lançada em 2017, é baseada no romance de 2007, de mesmo nome, escrito por Jay Asher. Conta a história de Hannah Baker, uma adolescente que, antes de cometer suicídio, deixa fitas com gravações de áudio, as quais são enviadas para pessoas que seriam o motivo para a jovem decidir tirar a própria vida. A série traz a oportunidade de pôr o tema suicídio em pauta e de quebrar o tabu sobre o assunto. Este trabalho parte da premissa de que a série, no entanto, trata o suicídio de forma superficial e equivocada. Considerando que nos últimos anos o índice de suicídio entre os jovens tem aumentado, alguns profissionais da área da saúde mental demonstraram preocupação sobre a forma como o suicídio é retratado em *Thirteen Reasons Why*, repercutida em reportagens e críticas publicadas por sites e associações, como CNN e *National Association of School Psychologists*<sup>1</sup> (NASP). Também a *International Association for Suicide Prevention* (IASP) publicou um documento explicando os motivos de sua preocupação a respeito da série, dentre eles, a violação das diretrizes de mídia para noticiar de suicídio e extinguir da série qualquer evidência de estratégias efetivas de promoção de saúde mental e prevenção de suicídio. (ARENSMAN et al., 2017; HENICK, 2017; NASP, 2017) O cinema, como produtor de subjetividade, possui uma responsabilidade com o que retrata, auxiliando na formação de opinião de seu público, sendo capaz de esclarecer ou mistificar certos assuntos. Podendo, assim, ter um papel ativo na prevenção ao suicídio.

Isto posto, se torna necessário discutir, pesquisar e compreender o estigma sobre suicídio e saúde mental representados na ficção, tomando esta obra como modelo de uma reflexão mais complexa sobre o tema. O trabalho proposto se torna relevante na medida em que reflete sobre como o audiovisual trata tais temáticas e de que maneira a representação atinge o tecido social. A premissa da qual se parte é a de que a série trata o suicídio de Hannah como se fosse algo inevitável, o que constitui-se em uma das formas de abordagens

---

<sup>1</sup> <https://www.nasponline.org/resources-and-publications/resources/school-safety-and-crisis/preventing-youth-suicide/13-reasons-why-netflix-series/13-reasons-why-netflix-series-considerations-for-educators>

equivocadas sobre o suicídio, a partir de um olhar sobre a saúde mental<sup>2</sup>. Assim, a questão problema apresentada aqui é: ***De que maneira 13 Reasons Why constrói a idéia de que o suicídio de Hannah Baker é algo inevitável?*** Este problema apresenta-se como objetivo geral da investigação, que tem como objetivos específicos:

- 1) Compreender os sentidos atribuídos ao suicídio na cultura ocidental;
- 2) Analisar elementos da narrativa relacionados às maneiras como a cultura ocidental representa o suicídio;
- 3) Entender de que maneira a série representa o suicídio de Hannah Baker de forma que possa ser prejudicial no âmbito do tratamento narrativo dispensado a problemáticas envolvendo transtornos mentais pelo audiovisual.

Para atingir estes objetivos, esta pesquisa tem início em uma abordagem teórica sobre o suicídio a partir da filosofia, sociologia e psicologia e, após, propõe observar as formas com que o suicídio é representado nas artes e na mídia. Por fim, será feita uma análise da série partindo-se de duas grandes categorias: 1- *Dramatização e Romantização* 2 - *Superficialidade*. A série será desmembrada considerando-se essas categorias e, então, analisada em profundidade.

---

<sup>2</sup> Área da qual também estou falando, uma vez que minha formação em Cinema e Audiovisual é concomitante com a de Psicologia,

## 1. SUICÍDIO

A etimologia de suicídio: do latim, *sui*, ou do grego *autos*, "próprio" e do latim *caedere* ou *cidium*: "matar", é o ato voluntário de atentar contra a própria vida. Tal fenômeno atrai atenção de filósofos, teólogos, médicos, sociólogos e psicólogos através dos séculos. Atinge todas as culturas, classes sociais e idades. Tem causas multifatoriais complexas e nunca requer abordagem simples, como destaca Kovács (1992) (apud PINTO, 2017). Nunca é o resultado de um evento ou fator único, normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais, situações de vida estressantes, entre outros.

A definição de suicídio de acordo com a OMS (1998) é um ato deliberado de um indivíduo que tem a clara noção e intenção de provocar a morte a si mesmo, tendo este um desfecho fatal. Do ponto de vista fenomenológico, o desejo de morte se destrincha entre a ideação, seguida do plano até ao ato suicida. A ideação refere-se aos pensamentos de autodestruição ou a ideias suicidas, englobando desejos e atitudes, enquanto o plano suicida envolve o planejamento que levará ao ato suicida; que, quando não consumado, é a tentativa de suicídio. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006)

A história do suicídio acompanha a da humanidade. Podemos achar diversos exemplos de suicídio em diversas teogonias, mitos e livros sagrados, como na Bíblia, no o *Mahabharata* (o principal épico religioso da civilização indiana), no Alcorão (livro sagrado islã) e no Talmud (coletânea de livros sagrados dos judeus). Na Bíblia podem ser encontrados registros de suicídio. No Antigo Testamento, Sansão (JUIZES 16: 25-30), Saul e seu escudeiro (I SAMUEL 31: 2-5), Aquitofel (II SAMUEL 17: 23) e Zambri (I REIS 16: 18). No Novo Testamento, temos notícia apenas daquele que é o mais famoso entre os suicidas bíblicos: Judas (MATEUS 27: 3-5). Na Antiguidade Greco-Romana, podemos citar, como exemplo, Sócrates. Na Idade Média, Santo Agostinho concretiza a opinião cristã, até hoje vigente sobre o suicídio, a partir do mandamento "Não matarás" (MATEUS 19:18), justificando que a vida é algo

dado por Deus e só ele poderia tirá-la. O suicídio passou a ser condenado pela Igreja Católica e considerado pecado mortal.

Cada um é responsável por sua vida diante de Deus, que lhe deu e que dela é sempre o único e soberano Senhor. Devemos receber a vida com reconhecimento e preservá-la para honra dele e salvação de nossas almas. Somos os administradores e não os proprietários da vida que Deus nos confiou. Não podemos dispor dela. (CONCÍLIO VATICANO II).

Em 1642, Thomas Browne criou a palavra “suicídio”, em sua obra *Religio Medici*, na qual usava o termo pela primeira vez, criou em grego o neologismo αυτοθόνος (*autofónos* - que mata a si mesmo). Em 1645, foi feita sua tradução para inglês, na qual pela primeira vez se leu a palavra *suicide*. (BROWNE, 1642).

Até o século XVII, o suicídio era tema de interesse teológico, religioso e filosófico. Então, no século XVIII, os casos de suicídio eram cometidos por aqueles considerados insanos, assim sendo estabelecida a relação entre suicídio e loucura que acaba perdurando até os dias de hoje. Philippe Pinel (1801), considerado o pai da psiquiatria, sendo um dos primeiros a classificar distúrbios mentais, afirmava que havia uma ligação entre os órgãos internos que causavam dores à existência, gerando a loucura.

Na perspectiva social, no final do século XIX, Durkheim (1897), considerado o pai da sociologia, estuda como as sociedades mantêm suas integridades após o desaparecimento dos vínculos sociais. Enfatiza a relação entre suicídio e sociedade: para ele, o ato é um fenômeno social. Está relacionado com os "fatores cósmicos", como raça, gênero, religião, condições econômicas. Deve ser analisada sua conexão com todos os outros fatores sociais e com a estrutura fundamental da sociedade. “*O suicídio é aplicado a todos os casos de morte que resultem diretamente ou indiretamente de um ato positivo ou negativo da própria vítima, que ele sabe que produzir esse resultado.*” (DURKHEIM, 2000, p.14). Entende o suicídio como um fato social independente das manifestações individuais. Sua teoria foi criticada como imprecisa pois se utilizou de dados estatísticos apenas da Europa Central (BERTOLOTE, 2012).

Já no século XIX, importantes psiquiatras, como Sigmund Freud, afirmavam que o suicídio era decorrente de transtornos mentais (melancolia e insanidade), colocando-o assim, no domínio da psicopatologia. Os comportamentos suicidas, assim como a loucura, eram de domínio médico. Freud reconhecia o suicídio como resultado da pulsão de morte sobre a de vida. Em *Luto e Melancolia*<sup>3</sup> o tratará como autopunição pelo desejo de destruir dirigido a outrem, o ego passa a tratar-se como objeto, dirigindo contra si a hostilidade que vale para o objeto que passou a representar (FREUD, 1915).

Na mitologia dos povos antigos, embora o ato não tivesse um nome, geralmente era apresentado de forma heróica, cometido por um deus ou ser místico que o faz para salvar seu povo ou livrar-se de uma situação sem saída.

O *Mito de Sísifo*, principal obra filosófica de Albert Camus, trata da temática em seu primeiro capítulo, esse intitulado de “O absurdo e o suicídio”:

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. (CAMUS, 1941, p.2)

Já para Jean Paul-Sartre, que fundamenta seu pensamento no existencialismo, o suicídio é um erro por ser um ato de liberdade que impossibilita todos os futuros atos da mesma. “Assim, a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação” (SARTRE, 2007, p. 661).

Dentro do terreno da psiquiatria, os comportamentos suicidas são enquadrados em duas categorias: “Transtorno de comportamento suicida” e “Lesão auto infligida não suicida”, ambas classificadas dentro do *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DMS-V, 2013). A visão psiquiátrica é reducionista, abandona a perspectiva psicossocial, impedindo uma visão holística.

De acordo com Botega (2006), em diversos estudos, o diagnóstico de transtornos mentais é possível em 93 a 95% dos casos de suicídio, sendo que 40-50% dos casos sofriam de depressão grave, 20% dependência de álcool e

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que esta era a visão do autor em 1915.

10% de esquizofrenia. Metade das pessoas que cometeram suicídio foram ao médico seis meses antes, e 80%, um mês antes do ato. Aproximadamente 50% das pessoas que se mataram jamais procuraram um profissional de saúde mental. Mortensen, Agerbo, Erikson et al. (2000), citados por Botega (2006), afirmam que um histórico de tentativa de suicídio ou a presença de um transtorno mental são os maiores indicadores de risco.

Além disso, é um problema de saúde de importância epidemiológica. A prevenção não tem sido tratada de forma adequada devido à falta de consciência do suicídio como um grave problema de saúde pública. 90% dos casos de suicídio podem ser evitados, no entanto, em diversas sociedades, o tema é um tabu e, por isso, não é discutido abertamente, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000). Ainda de acordo com a OMS (2012), mais de 800 mil pessoas cometem suicídio todos os anos, sendo essa a segunda principal causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos de idade. Cada suicídio é uma tragédia que deixa marcas e efeitos duradouros em famílias, amigos, escolas e nas comunidades.

No Brasil, o suicídio se encontra no 3º lugar entre as causas externas de morte, sendo responsável por aproximadamente 32 casos por dia, ou seja, um a cada 45 minutos. Segundo a presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília (APBr), psiquiatra Maria Dilma Alves Teodoro, o Brasil é o oitavo país no mundo em número de suicídios. Entre 2000 e 2012 houve um aumento de 10,4% na quantidade de mortes, sendo mais de 30% em jovens. A estimativa é de que, até 2020, haverá um incremento de até 50% no número anual de mortes por suicídios. (SENADO NOTÍCIAS, 2017) O Ministério da Saúde publicou, em 2017, um boletim epidemiológico tratando de diversos dados em relação ao aumento das taxas de suicídio, como, por exemplo, que, entre 2011 e 2016, ocorreram 48.204 tentativas de suicídio (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Shaffer & Fischer (1981), citados por Kuczynski (2014), afirmam que em todos os países e grupos culturais, o suicídio é menos freqüente na infância e na adolescência (antes dos quinze anos de idade), no entanto, há um aumento de sua incidência no final da adolescência e no início da terceira década,

configurando a terceira causa de morte de adolescentes e jovens adultos nos EUA. Isto também se confirma em vários países europeus, asiáticos e da América Latina.

De acordo com Macedo; Fensterseifer & Werlang (2010), a adolescência é um período do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações. O adolescente precisa processar importantes modificações, tanto no nível físico, quanto no emocional. Nele, o jovem deve dar conta de intensas demandas pulsionais, biológicas e sociais, que provocam transformações importantes, tanto no seu mundo intrapsíquico, como em seus processos inter-relacionais, demarcando relevantes características na adolescência: a instabilidade psíquica e a vulnerabilidade. Hannah Baker encontra-se em vários perfis das estatísticas, como a idade (16 anos) e o fato de ser vítima de assédio e violência moral, psicológica e sexual. Não fica claro, e esta questão é parte do problema da representação na série, que tipo de sofrimento de fato leva a jovem a concretizar o suicídio, deixando a explicação sobre seu ato para, como ela expõe nas fitas K7, as violências ou ausência de cuidado por parte de terceiros.

## **2. A REPRESENTAÇÃO DO SUICÍDIO NA MÍDIA E NAS ARTES**

A mídia desempenha um papel significativo na sociedade atual, ao proporcionar uma ampla gama de informações, através dos mais variados recursos. Influencia fortemente as atitudes, crenças e comportamentos e ocupa um lugar central nas práticas políticas, econômicas e sociais. Devido a esta grande influência, os meios de comunicação podem também ter um papel ativo na prevenção do suicídio (OMS, 2000).

A mídia dá poder de acesso à informação para muitas pessoas. O audiovisual, como produtor de subjetividade, possui uma responsabilidade com o que retrata, podendo, em alguns casos, também distorcer ou mistificar certos assuntos. Segundo Wedding (2005):

Em virtude de sua grande acessibilidade, o cinema tem uma influência maior na sociedade do que qualquer outra forma de arte. Assim, ajuda a construir a percepção do público em relação aos

transtornos mentais, uma vez que o meio audiovisual se mostra bastante efetivo em formar a opinião dos espectadores quando um assunto é pouco conhecido.(apud. OLIVA, FILHO, NETO, 2009, p. 101)

O suicídio pode ser construído pela mídia a partir do imaginário, assim como as representações artísticas. Ora mostrado como tabu e temática controversa pelo jornalismo, ora poético e romantizado pelas artes, o suicídio carrega grande carga emocional em suas representações. No audiovisual, por exemplo, quase sempre envolve dramas ficcionais (são raros os documentários sobre o assunto). Nesta seção o suicídio será tratado a partir de suas representações sociais nas artes, em especial em se tratando da maneira como esse campo romantizou essa prática relacionada às personagens femininas

## **2.1 O ROMANTISMO**

Segundo Brito (2018), o surgimento do movimento romântico, no final do século XVIII, trouxe uma visão de mundo oposta ao racionalismo e ao iluminismo, uma visão de mundo centrada no indivíduo. As características centrais deste estilo na literatura são o lirismo, o exagero, a idealização do mundo e da mulher; e quando essa idealização não se concretiza, o pessimismo, a solidão, a tristeza, a frustração, que na época, eram conhecidos como o "mal do século".

Ao tornar os afetos do indivíduo como questões centrais, tais sentimentos são exacerbados e exagerados; a subjetividade egocêntrica que faz com que esses assuntos sejam tratados de forma pessoal de acordo com a opinião do autor (através do uso dos verbos na primeira pessoa), sendo esse o destaque da obra. O romântico expressa a realidade por meio de seus sentimentos e acredita que só sentimentalmente consegue traduzir aquilo que acontece no seu interior (BRITO, 2018).

De acordo com Lázaro (1999), citado por Toledo (2013), os processos de massificação e individualização são simultâneos e complementares no século XX. Ainda como no romantismo, é presente a busca do individualismo e da autenticidade. A cultura de massa vende o ideal da singularidade, da realização única e pessoal, o que Charles Taylor (1991), chamaria de a primeira forma de mal-estar contemporâneo.

Nesta dinâmica, o amor, como tema central da felicidade moderna, tem presença obrigatória nas mídias e propagandas, principalmente nas produções da indústria cultural. O encontro da “alma gêmea” é veiculado de forma sólida como a resposta para todos os males, e como o meio de acesso à singularização e à felicidade. Capuzzo (1999), também citado por Toledo (2013), observa que o inventário temático do drama romântico desenvolvido no cinema relativiza valores de ordem moral e ética, priorizando a urgência e intensidade do encontro amoroso.

Dunker (2017), em sua obra “*A reinvenção da intimidade*”, discorre sobre a superestimação do amor presente na cultura do narcisismo em que nos encontramos, na qual o amor é tomado como um antídoto universal, e a ele é atribuída uma onipotência que se torna daninha, criando um sistema de ilusões que não irão de confirmar. O amor é crucial, mas não é onipotente. É possível perceber que certas particularidades do romantismo ainda se fazem presentes nas narrativas contemporâneas, e esse paradigma pode ser notado especialmente ao vermos revisitada a saga de personagens que dão fim à própria vida, por exemplo, devido à frustração de um amor não correspondido.

## 2.2 O SUICÍDIO NA LITERATURA

Entre 1599 e 1601, William Shakespeare escreve sua famosa obra “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca” (*The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmarke*), geralmente abreviada como “Hamlet”. A peça trata de temas como loucura, sofrimento, traição, vingança, incesto, corrupção e moralidade. Grande parte da linguagem da peça possui características da escrita shakespeariana, é lisonjeira: elaborada, com discurso espirituoso, rico em figuras retóricas. Na trama a personagem de Ofélia, após a morte do pai e privada de seu amor por Hamlet começa a “enlouquecer” e morre afogada em um provável suicídio. A sequência do famoso questionamento “Ser ou não ser, eis a questão” em sua continuação retrata um questionamento sobre a autodestruição:

*Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-*

*se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer...Dormir...Mais nada...Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se.(Hamlet - ATO III CENA I).*

Para diversos autores, como Tiburi (2010), a personagem de Ofélia foi imagem da loucura e do autoextermínio e da relação que há entre mulheres e a morte nas representações do século XIX. Ela não é construída para a vivência de sua personagem, mas para sua morte. Ela é construída a partir da visão masculina e para personagens masculinos. Ofélia mata-se, mas vemos sua morte através de Hamlet, que apenas simula a própria loucura enquanto a loucura de Ofélia passa quase despercebida, pois Shakespeare deixa transparecer a idéia de que uma moça honrada, mesmo enlouquecendo, o deve fazer de modo comportado. A insanidade da boa moça tem coreografia mansa e cantante, seu suicídio é passivo, suave e deslizante. (VIANA, 2010) Edgar Allan Poe (1960), citado por Tiburi (2010), já demonstra a eufemização da morte feminina ao dizer que “[...] a morte, pois, de uma mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo [...]”. A história da personagem é reduzida à notícia de sua morte, e a mesma é romantizada.

A literatura é profícua em romantizar o suicídio, a tal ponto de um dos clássicos livros de Wolfgang von Goethe ter-se tornado o centro de um fenômeno social mais tarde apropriado pela psicologia. Em *Os sofrimentos do Jovem Werther (Die Leiden des jungen Werthers)*, escrito por Goethe em 1774, texto carregado das características citadas acima, sobre tudo, de sentimentalismo, o personagem principal, não podendo ficar com sua amada, se dá um tiro na cabeça. Logo após a publicação, um grande número de suicídios começou a ocorrer nos mesmos moldes do personagem, proibindo a obra em diversos locais. O “Efeito Werther”, como foi chamado, se caracteriza pela imitação do processo de autoextermínio pelo qual algum suicídio poderia exercer efeito modelador em suicídios subsequentes, resultando em um aumento do número de casos de suicídio desencadeado por reportagens ou obras de ficção que reportem suicídio de forma sensacionalista ou espetaculosa. O termo foi cunhado pelo pesquisador David Phillips em 1974, dois séculos depois do romance de Goethe ser publicado, o que deu início

uma discussão sobre a responsabilidade de autores que narram suicídio pela imitação dos fatos narrados. Para Phillips o grau de publicidade dado a uma história de suicídio correlaciona-se diretamente com o número de suicídios subseqüentes. Durkheim (2000), pelo contrário, acreditava que a imitação não aumenta o nível nacional de suicídio. Segundo o autor, a falta de coesão social explicava por que a grande maioria das pessoas se mata.

Pesquisas sugerem que o efeito não se limita a suicídios que ocorrem em áreas geográficas distintas. Em particular, programas de televisão, filmes ficcionais e cobertura televisiva de suicídio podem ser associadas com um excesso estatisticamente significativo de suicídios. O efeito do contágio aparenta ser mais forte entre os adolescentes e jovens adultos. (GOULD et al, 2003). Na ausência de fatores de proteção, o suicídio publicizado serve como um gatilho para o próximo suicídio por uma pessoa suscetível ou sugestionável. Isto é referenciado como suicídio por contágio. (LOUREIRO, 2014). Em 2000 a OMS publicou um manual dirigido aos profissionais da mídia alertando sobre o impacto que a cobertura midiática poderia ter nos casos de suicídio. Algumas sugestões sobre como abordar o tema seguem:

O que deve ser evitado: A cobertura sensacionalista de um suicídio, particularmente quando uma celebridade está envolvida; deve-se evitar fotografias do corpo e da cena do suicídio; não fornecer informações detalhadas sobre o método utilizado; Não mostrar o suicídio como inexplicável ou de uma maneira simplista; O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual; A glorificação e/ou o sensacionalismo de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Não atribuir culpas.

O que é recomendado para que a mídia divulgue contribui de forma positiva para a prevenção: listas de serviços de saúde mental disponíveis e telefones e endereços de contato onde se possa obter ajuda; esclarecimentos mostrando que o comportamento suicida freqüentemente associa-se com depressão, sendo que esta é uma condição tratável; referir-se ao suicídio como

suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”; destacar as alternativas ao suicídio.

Clínicos e pesquisadores reconhecem que não é a cobertura jornalística do suicídio per se, mas certos tipos de cobertura de notícias, que promovem o contágio. As pessoas preocupadas com a prevenção do contágio do suicídio devem estar cientes de que certas características da cobertura da notícia, em vez da própria cobertura da notícia, devem ser evitadas. (CDC, 1989).

### 2.3 O SUICÍDIO NOS FILMES

*A Ponte (The Bridge, 2006)*, documentário assinado por Eric Steel, acompanha e registra durante o ano de 2004 suicídios ocorridos na ponte Golden Gate, na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, conhecido como um dos lugares em que as pessoas mais vão para cometer o ato, desde sua inauguração em 1937, já foram contabilizados mais de 1400 suicídios<sup>4</sup>. O filme captura 23 dos 24 suicídios ocorridos na ponte e mostra entrevistas realizadas com alguns familiares e amigos dos indivíduos que se jogaram da ponte. O diretor afirma acreditar que a maioria dos suicídios é resultado de transtornos mentais e que ver imagens de alguém cometendo o ato não o incita. No entanto, Celia Kupersmith, CEO e gerente geral do Distrito Rodoviário e de Transportes da Golden Gate Bridge, disse que houve um aumento nas tentativas de suicídio na ponte quando o documentário começou a aparecer em festivais de cinema e atraiu publicidade. (ABC News, 2006)<sup>5</sup>

*As Virgens Suicidas (The Virgins Suicides, 1999)*, primeiro longa da diretora Sofia Coppola, traz lirismo ao suicídio de quatro irmãs adolescentes, em história ficcional com estética “retrô”. Em um subúrbio norte americano, durante a década de 70, as irmãs Lisbon são cobiçadas por todos os garotos da escola. O filme tem início com a tentativa de suicídio da irmã menor, Cecília, de 13 anos, que corta os pulsos na banheira. Com uma mãe controladora e religiosa e um pai negligente, acabam cometendo suicídio cada uma de um

---

<sup>4</sup> Informação disponível

em: [https://www.bbc.com/portuguese/videos\\_e\\_fotos/2014/06/140628\\_ponte\\_suicidio\\_ms](https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/06/140628_ponte_suicidio_ms)

<sup>5</sup> Informação disponível em: <https://abcnews.go.com/2020/story?id=2592841&page=1>

modo. No entanto o filme não busca culpados e deixa o espectador se perguntando o que teria acontecido, e conta com um personagem psiquiatra que dá explicações padrão para o comportamento de Cecília, e um padre que tenta dar alívio espiritual à família, mas que também dá respostas e falas “padrão e senso comum” refletindo em outros níveis a sociedade desinteressada na tragédia. A maneira com que a história é contada, através do olhar de um dos garotos que convivia com as irmãs, remonta as histórias românticas e trágicas de personagens femininas mitificadas por homens apaixonados que envolvem a vida e morte dessas jovens em uma aura lírica, como em Hamlet.

O tema do suicídio, por outro lado, pode ganhar contornos cômicos, ainda que macabros, como em *A Pequena Loja de Suicídios (Le Magasin des Suicides, 2012)*, um drama musical animado francês, dirigido por Patrice Leconte, que conta a história da família Tavuche, donos de uma loja com produtos para seus clientes que buscam cometer suicídio. No universo da trama os personagens são amargos e mórbidos com relacionamentos e vidas infelizes. Se utiliza de humor sombrio brincando, por exemplo, que a morte com lâminas na banheira é mais fotogênico, que a maneira mais feminina é o veneno já que o vidro se parece com o de perfume, o *seppuku*<sup>6</sup> é para pessoas fortes e viris, e o quimono já é incluso na compra. A loja garante o suicídio ou seu dinheiro de volta, “afinal, só se morre uma vez”. O conflito surge quando a proprietária da loja de suicídios dá à luz seu terceiro filho, Alan, que nasce sorridente e cheio de alegria. O garoto passa a ajudar as pessoas a encontrarem um sentido na vida e novas perspectivas. Apesar de sua premissa melancólica, o filme termina com a mensagem de que a vida pode ser feliz e é sempre a melhor opção.

### 3. ANÁLISE

Thirteen Reasons Why se propõe a falar saúde mental mas ao longo da sua narrativa dá a entender que a personagem que comete o suicídio não tinha

---

<sup>6</sup> *Seppuku*, vulgarmente conhecido no ocidente por *haraquiri* ou *haraquiri* refere-se ao ritual suicida japonês reservado à classe guerreira, principalmente samurai, em que ocorre o suicídio por esventramento.

nenhuma outra opção senão consumir o ato. Dentro da série, procurarei analisar elementos chave que construam a ideia do suicídio de Hannah como algo inevitável. Esta análise se dá a partir de duas categorias sob as quais o suicídio é narrado: 1) Dramatização e Romantização; 2) Superficialidade. Os instrumentos de análise da série são aqueles através dos quais se faz menção - direta ou indireta - ao suicídio de Hannah Baker.

### 3.1 DRAMATIZAÇÃO E ROMANTIZAÇÃO

A tragédia da personagem é tratada com um viés quase romântico, envolvendo uma narrativa de busca por vingança, justiça para a memória e reputação da personagem e uma história de amor “não correspondido”. Desde o episódio piloto já sabemos que a personagem consumou o ato de suicídio. O conceito das fitas agrega a essa ideia romantizada a morte como revanche e o desejo de permanecer viva através das mesmas, nos instigando a buscar culpados, não motivos, e é o que mantém o suspense durante todo o andamento da série.

Acompanhamos os “culpados” de sua morte e desejamos que eles sofram e se sintam responsabilizados pelo que fizeram, assim como o desenrolar da história através de Clay, que vai ouvido as gravações, uma fita por episódio. Ele revive as experiências de Hannah, conforme são narradas nas fitas, e reage às mesmas enquanto Hannah é passiva durante os momentos em que ocorreram. Temos aqui a figura da mulher como passiva e como objeto. Hannah e Ofélia são inativas em suas histórias, tratadas como objetos, sendo construídas apenas para sua própria morte, em uma narrativa da qual não são as protagonistas.

Nas fitas são deixadas instruções e ameaças para as pessoas que as receberem. *"Não devem ser fáceis de seguir, caso contrário eu teria enviado em mp3. Quando terminar de ouvir todas, rebobine, guarde-as na caixa e reenvie para a próxima pessoa."* Deixando junto da caixa um mapa mostrando os lugares mencionados nas fitas para quem quiser ir nos lugares dos acontecimentos expostos. *"Caso você quebre as regras, saiba que fiz uma cópia de todas e deixei com alguém de confiança, e caso o pacote não passe por todas as pessoas, as cópias serão divulgadas de modo público. Isso não foi*

*uma decisão momentânea, não me desvalorize. Faça o que digo, não menos, nem mais. Você está sendo observado.*" As citações denotam intenções de um indivíduo que planeja induzir culpa ou medo em quem as ouvir. Hannah planeja o suicídio, pensando nas fitas para culpabilizar os autores de sua morte. A forma como sua fala é construída cria a fantasia que ela está presente na hora em que é ouvida, ela ainda se faz existente, mesmo depois de sua morte, para testemunhar as consequências do seu ato. As fitas, a coleção de coisas que são mandadas junto com elas como as caixas enfeitadas e o mapa, o altar feito a ela, são formas da personagem se manter viva.

As fitas são carregadas de um certo lirismo e uma subjetividade egocêntrica, narradas na primeira pessoa. Hannah nos mostra sua versão da realidade centrada nela e em seus sentimentos. Por exemplo, a fita de Justin Foley, por quem ela se interessa no início da trama, fala sobre como tudo começou com o seu sorriso, "*aquele maldito sorriso, ele era minha kriptonita*" .

Em diversos momentos, o roteiro faz parecer que a única salvação possível para Hannah seria o amor de Clay, ressalta a idealização e a superestimação desse amor onipotente de que fala Dunker (2017). Ao longo da série temos muitos exemplos disso. Como no episódio 9 em que ela pensa que "*Talvez pudesse recomeçar com a pessoa certa*" e vai a uma festa e não se sente invisível porque Clay estava lá com ela. A existência de Hannah é definida pelo amor de Clay e pela própria existência de Clay, assim como sua morte se dá diante da ausência, como percebida por ela, desse amor. Hannah existe para o amor de um homem, como Ofélia. No episódio 10, quando chega o momento de Clay ouvir a sua fita, ele pergunta a Tony o que ele pode ter feito que seria pior que estupro ou provocar uma morte para a sua fita ser a pior. Clay pergunta se ele é o responsável pela morte de Hannah e Tony responde que sim e diz que "*eles a decepcionaram por não mostrá-la que ela tinha outra opção*". A série, no entanto, também não mostra ao espectador que ela pode ter outra opção.

No episódio 11, Clay e Hannah estão em uma festa e vão para o andar de cima para conversar. Os dois se beijam e ela narra que "*naquele momento tudo estava perfeito e pela primeira vez em muito tempo ela conseguia imaginar um futuro onde era feliz, como a vida poderia ser boa.*" Clay imagina uma situação na qual ele não vai embora da festa e declara seu amor por ela e

diz que jamais irá deixá-la, ao que ela, na imaginação do rapaz, rebate dizendo "Por que você não me disse isso quando eu estava viva?". Clay sofre e afirma tê-la matado.

Como já citado, sabe-se que o suicídio é um fenômeno complexo que envolve diversos fatores. A romantização do mesmo elimina a importância de todos esses fatores e anula toda sua multifatorialidade, reduzindo a única possível salvação do suicídio a um amor correspondido. *Os Treze Porquês* acaba por se tornar uma versão contemporânea dos Sofrimentos do Jovem Werther, tendo o sofrimento dramatizado.

A cena na qual Hannah comete o ato é extremamente gráfica e explícita. A cena em si é mais uma prova de que a preocupação da série em conscientizar seu público sobre saúde mental é falacioso, ao trazer imagens extremamente gráficas, que podem servir de *gatilhos de trauma*, sem ter nenhum valor simbólico e apenas com a intenção de chocar quem as assiste.

Hannah, novamente, sofre uma objetificação pelos criadores da história, encontra-se numa condição paradoxal, pois a trama fomenta um lirismo mas também atenta contra esse sujeito. Esse lirismo é o que dá ao suicídio seu tom de inevitabilidade e, com isso, torna a fantasia sobre o ato em um desserviço.

### **3.2 SUPERFICIALIDADE**

A forma de trabalhar o suicídio na série se baseia no supérfluo, ela busca um tratamento de problemas complexos de forma simplista. Os personagens são construídos enquadrados em estereótipos e todo e qualquer indicação e promoção de saúde mental é faltosa.

Vários personagens são estereotipados, típicos de filmes produzidos para o público adolescente. Cada personagem é definido por uma doença mental ou por um evento trágico. Se tirarmos esses atributos deles, eles dificilmente seriam personagens por conta própria, são todos construídos sobre fatores bidimensionais. A série tenta falar sobre como doenças mentais e tragédias não nos definem, mas é o que acaba definindo seus personagens. Tomarei aqui como principal exemplo a personagem de Hannah, uma personagem rasa, que carece de complexidade. Sua estrutura é dividida entre

um estereótipo de depressão pouco discutido ou mencionado de forma alegórica, e a personificação de uma Manic Dream Pixie Girl<sup>7</sup> para Clay.

O episódio piloto nos apresenta como será o desenrolar da série, uma alternância entre cenas do presente e do passado, exibindo as conseqüências dos eventos ocorridos anteriormente, portanto uma narrativa não linear. No passado somos apresentados ao relacionamento entre Clay e Hannah. Para ele, ela assume o papel de *manic dream pixie girl*, pela qual ele tem um sentimento platônico de admiração, desejo e “amor romântico”. Hannah é “interessante” e extrovertida. Perto dela, Clay pode ser diferente, uma versão melhor e mais aventureira dele mesmo. Diante disso, é possível sentir que a série se trata de um romance adolescente. No entanto, a série vai avançado e tratando de temáticas mais sérias, mas o romantismo ainda se faz presente, inclusive quando se trata de suicídio.

O adoecimento psicológico de Hannah mostra-se com eufemismo. Nas gravações ela dizia que “*se sentia sozinha como se estivesse se afogando e não tivesse ninguém lá para jogar uma corda salva-vidas.*” (episódio 7) e se questionava se “*o único jeito de não se sentir mal é deixar de sentir qualquer coisa para sempre*” (episódio 7).

O adoecimento psicológico da personagem não é bem construído ao longo do desenvolvimento da personagem, o que torna confuso compreendermos como se dá a trajetória de sua “depressão”, que raramente é citada ao longo da série. Como já citado, de acordo com Botega (2006), em 90% dos casos de suicídio está presente algum transtorno mental: Hannah apresenta sintomas depressivos, e um quadro semelhante ao de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático), pensamentos de morte e comportamentos disfuncionais. Apesar destas características estarem presentes na história, eles não têm a devida importância na narrativa e passam despercebidos pelo público em geral, que não fará a conexão entre o suicídio e seu principal fator de risco.

---

<sup>7</sup> Manic pixie dream girl é um termo criado pelo crítico Nathan Rabin, entre muitas características, este arquétipo sugere que a personagem feminina existe para inspiração de personagens masculinos solitários e para fazê-lo evoluir na história.

A doença mental é encoberta. O suicídio nem sempre é causado pela doença mental, mas a depressão e o modo como a depressão pode levar a coisas como o suicídio tendem a ser mais complicadas do que o modo como outras pessoas afetam a vida de alguém. O bullying pode levar ao suicídio, mas muitas vezes há outras questões em jogo, incluindo razões fisiológicas que não têm a ver com mágoa. Em um grau preocupante, essas razões, menos dramáticas, mas mais realistas, recebem pouca atenção em favor de uma misteriosa conspiração. Isso é bom para o entretenimento, mas deixa de lado muitas das realidades do suicídio entre adolescentes.

Em nenhum momento é mencionada a terapia ou auxiliares e profissionais de saúde mental como uma alternativa. A única exceção aparece no episódio 9, quando a mãe de Clay, preocupada, fala que ele deveria voltar a conversar com um médico. Entendemos que este seria o terapeuta, e o pai responde que "*nem todos os problemas podem ser resolvidos com palavras.*". É importante levar em consideração que o pai de Clay é representado como um homem sensível, artista, enquanto sua mãe, advogada, é prática. A solução romântica parece ser indicada como a mais favorável neste caso, o que superficializa todo o próprio contexto do suicídio.

Não são levadas em conta evidências existentes de promoção positiva da saúde mental e estratégias eficazes para melhorar as dificuldades de saúde mental e prevenir o suicídio quando tópicos como depressão, ansiedade e bullying são abordados. A série carece de profundidade também quando fala sobre o pedido de ajuda. Nas cenas em que Hannah busca auxílio, parece não ter êxito, e o processo do suicídio se torna inexorável, como se pedir ajuda não adiantasse. Se teve o objetivo de levantar uma discussão, deveria colocar uma chamada para o site do CVV (Centro de Valorização da Vida) ao final de todos os episódios. O que aconteceu depois das várias críticas que recebeu.

O suicídio é mencionado pelos personagens apenas para reforçar o estigma de que quem tira a própria vida o faz por insanidade ou atenção/vingança. No episódio 7, os colegas dizem que a morte dela foi "uma forma de chamar atenção" ou que esse alguém "está zoando com os demais" e que "todo mundo sofre, e ela deveria superar." No episódio 8, ao ter seu poema publicado na escola, os colegas dizem que deve ter sido escrito por "uma

vagabunda” e que era “humilhante”. No mesmo episódio Tony declara "Eu gostava da Hannah, ela era minha amiga, mas ela era demais, era complicada, era um drama". No episódio 9, Justin diz que "Seja lá o que Hannah pensou ter visto, ela mentiu nas fitas por que ela é uma louca dramática que se matou para chamar atenção." Essas falas ajudam a construir o mito de que quem se mata é “louco” ou que “quer chamar atenção”, tornando o estereótipo como um fator de superficialização de uma discussão complexa como esta.

Neury Botega, fundador da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio (Abeps), afirma que *“O suicídio é um fenômeno complexo o bastante para não suportar uma explicação simplista, uma causa e efeito [...] Essa série coloca o problema na sala de visita das famílias”* (FOLHA,2016)<sup>8</sup> Apenas mostrar essa realidade ao público não basta, é necessário mostrar que existem opções e que o suicídio pode ser prevenido.

---

<sup>8</sup><https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/04/1874810-medicos-se-preocupam-com-retrato-de-suicidio-em-serie-da-netflix.shtml?cmpid>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o suicídio sob diferentes perspectivas, é inegável de que a temática é complexa e exige atenção das mais diversas áreas profissionais. A ficção constrói imaginários. Por ser uma ficção, a série possui uma liberdade poética, mas ao mesmo tempo possui uma responsabilidade ética com o que retrata, pois isso gera consequências.

Ao longo deste trabalho buscamos entender de que maneira *13 Reasons Why* constrói a ideia de que o suicídio de Hannah Baker é algo inevitável. Perpassamos o entendimento do suicídio por diferentes visões na cultura ocidental ao longo dos anos e também a influência e poder que o audiovisual pode ter no seu entendimento e na sua representação. O suicídio de Hannah Baker pode ser entendido de forma prejudicial ao público.

Dentro da categoria de dramatização e romantização, examinamos a premissa da trama, na qual já sabemos do fato de que Hannah está morta, e suas fitas materializam o desejo dela de permanecer viva. Dentro das fitas contemplamos o lirismo e a romantização com que Hannah trata os acontecimentos de sua vida e como Clay os vive, enquanto ela permanece passiva quanto a eles. Nessa romantização, vemos o amor superestimado como sendo a única fonte de salvação e as cenas gráficas, extremas, possíveis gatilhos que possuem nada mais do que objetivo de causar choque.

Dentro da superficialidade, exploramos o tratamento simplista dado, tanto aos personagens, quanto à própria temática do suicídio. Os personagens são construídos com base em estereótipos adolescentes, o adoecimento psicológico não é aprofundado, seu tratamento é faltoso e qualquer indício de saúde mental, se sua possibilidade ou sua existência não é retratado.

O relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas (OMS, 2000). Entendo que o audiovisual tem participação na maneira como os fenômenos sociais são percebidos ou inseridos no imaginário popular. Considerando que a série fala sobre o tema e mostra graficamente o suicídio de uma jovem e que, além disto, seu principal público são jovens

também, a importância de se analisar de que maneira as narrativas audiovisuais reforçam tabus ou aumentam desconhecimento ou desinformação é muito grande. Uma vez que o suicídio é tratado de forma, ora velada, ora como problema individual de quem possui transtornos mentais, este trabalho também pressupõe uma reflexão no sentido de contribuir para a autonomia das pessoas no campo de saúde mental, por lhes permitir sair de uma esfera do privado, de silêncio e vitimização para uma esfera pública, de convivência e construção coletivas, não mais ocupando um lugar de exclusão e constrangimento.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: DSM – V- TR. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia On-line**: módulo básico expandido. Versão 3.0. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012.

BOTEGA, Neury José; WERLANG, Blanca; CAIS, Carlos; MACEDO, Mônica. Prevenção do comportamento suicida. **Psico**, v 37, n 3, p. 213-220. 2006.

BRITO, Raquel. **Romantismo e suas Principais Características**. Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/2018/07/20/caracteristicas-do-romantismo/>>. Acesso em: 02 dez. 2018

BROWNE, Thomas. **Religio Medici**. CCEL. Nova York.1926.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Catecismo da Igreja Católica. Terceira parte. §2280**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p3s2cap2\\_2196-2557\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html)>. Acesso em: out. 2018.

CAMUS, Albert. **O mito do Sisifo**. Rio de Janeiro. Record Ltda. 2008.

DEWYZE, Jeannette. **Why do They Die? Does publicity cause suicide?**. 2005. Disponível em: <<https://www.sandiegoreader.com/news/2005/mar/31/why-do-they-die/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da Intimidade: Políticas do Sofrimento Cotidiano**. São Paulo: Editora UBU, 2017.

DURKHEIM, E. **Suicídio: Estudo de Sociologia**. São Paulo. Martins Fontes Ltda. 2000.

FREUD, S. **Luto e melancolia**.v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GOULD, Madelyn; JAMIESON, Patrick; ROMER, Daniel. Media Contagion and Suicide Among the Young. **American Behavioral Scientist**. v.46, n. 9. 2003.

HENICK, M. **Why '13 Reasons Why' is dangerous**, 2017. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/05/03/opinions/13-reasons-why-gets-it-wrong-henick-opinion/index.html>>. Acesso em: 03 jul 2018.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR SUICIDE PREVENTION - IASP. **Briefing in Connection with the Netflix series '13 reasons why'**. Washington DC: IASP, 2017.

KUCZYNSKI, Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. **Psicologia USP**,v.25, n.3, p.246-252, dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010365642014000300246&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642014000300246&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 jul. 2018.

LOUREIRO, Gabriela. **A era da auto destruição**. 2014. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/11/era-da-auto-destruicao.html>>. Acesso em: out. 2018.

MACEDO; FENSTERSEIFER; DOCKHORN; WERLANG. **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2006). Prevenção do Suicídio: **manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**. Unicamp. recuperado de <[http://www.cvv.org.br/downloads/manual\\_prevencao\\_suicidio\\_profissionais\\_saude.pdf](http://www.cvv.org.br/downloads/manual_prevencao_suicidio_profissionais_saude.pdf)>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS) - **Boletim Epidemiológico** - Volume 48 N° 30. 2017. Disponível em<<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>>.Acesso em 30/06/2018

MIRANDA, Verónica; ESTELLITA-LINS, Carlos. Mídia e prevenção do suicídio: análise do documentário The bridge. **Cinema, Ética e Saúde**, Porto Alegre, v. 2, Direitos humanos, 2014.

NATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL PSYCHOLOGISTS -NASP. **13 Reasons Why Netflix Series: Considerations for Educators**. 2017. Disponível em: <<https://www.nasponline.org/resources-and-publications/resources/school-safety-and-crisis/preventing-youth-suicide/13-reasons-why-netflix-series-considerations-for-educators>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

OLIVA; FILHO; NETO. O retrato da psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro. **Psiquiatria Clínica**, v. 37, n 2, p. 89-95. 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Manual para Profissionais da Mídia. Genebra: OMS, 2000.

PINTO 2017 - Kovács, M. J. (1992). Morte e desenvolvimento humano. São Paulo, Casa do Psicólogo.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 784 p. Tradução e Notas de Paulo Perdigão.

SENADONOTÍCIAS. A cada 45 minutos, uma pessoa se suicida no Brasil, dizem especialistas na CAS. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/25/a-cada-45-minutos-uma-pessoa-se-suicida-no-brasil-dizem-especialistas-na-cas>> Acesso em: 20 mai. 2018

TIBURI, Márcia. Ofélia morta – do discurso à imagem. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, 18(2): pg. 301-318. Maio/Agosto 2010.

TOLEDO, Maria Thereza. Uma Discussão sobre o Ideal de Amor Romântico na Contemporaneidade: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**. Niterói, UFF, N°2. pg. 201-218, Junho, 2013.

VIANA, Renata. **A Loucura em "Hamlet" - Ofélia, Personagem Suicida de William Shakespeare**. Disponível em: <<http://medicinisart.blogspot.com/2010/11/o-suicidio-de-ofelia-em-hamlet-de.html>>. Acesso em: out 2018.

*Thirteen Reasons Why*. Direção: Brian Yorkey. Produção: Joseph Incaprerera. USA, Netflix, 2017.

*The Bridge*, Direção e Produção por: Eric Steel, UK, IFC Films, 2006.

*The Virgin Suicides*. Direção: Sofia Coppola. Produção: Francis Ford Coppola. USA, Paramount, 1999.

*Le Magasin des Suicides*. Direção: Patrice Leconte. Produção: Diabolo Films. FRA, 2012.